

O "EXTREMO" PARA
PENSAR A CULTURA
DAS JUVENTUDES
CONTEMPORÂNEAS

THE EXTREME TO THINK THE
CULTURE OF CONTEMPORARY
YOUTH

EL "EXTREMO" PARA PENSAR LA
CULTURA DE LAS JUVENTUDES
CONTEMPORÂNEAS

Marluce Evangelista Carvalho Zacariotti^{1, 2}

RESUMO

O eixo de atenção deste artigo é o conceito de eXtremo, de Massimo Canevacci, autor, cujas ideias inovadoras, e por que não dizer radicais, têm trazido boas contribuições para pesquisas sobre as juventudes, na interface comunicação/cultura/consumo na contemporaneidade. Trata-se também de uma perspectiva em plena discussão. Porque a temática juventude, destacada em inúmeras pesquisas, estudos, em incontáveis artigos, ensaios e livros que cada vez se proliferam mais, dada a sua crescente relevância, vem sendo abordada sob a perspectiva de vários campos do saber, gerando múltiplas possibilidades de percepção e teorização. Assim, estamos concordando com uma linha de pesquisadores, entre eles Canevacci, que caminham pelo terreno do múltiplo, do plural, envolvendo aspectos sócio-culturais-econômicos-geográficos que falam não de um jovem, mas de jovens; não de uma juventude, mas de juventudes. No limite deste trabalho, ficamos por aqui nesta justificativa para nos dedicar especificamente ao conceito de eXtremo e porque ele se mostra elemento-chave nas discussões que estamos proponho em nossas pesquisas em andamento sobre as juventudes, a cultura na pós-modernidade e os desafios à educação.

¹ Doutora em Educação (linha Educação, Sociedade e Cultura), Mestre em Ciências da Comunicação e Especialista em Gestão da Comunicação. Atualmente é professora do curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: marluce@uft.edu.br.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal do Tocantins (UFT), Quadra 109 Norte, Plano Diretor Norte, CEP: 77001-090, Palmas/TO.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes; pós-modernidade; educação.

ABSTRACT

The focus of this article is the concept of extreme, from Massimo Canevacci, author, whose innovative ideas, and why not say radicals, have brought good contributions to research on youth, at the interface communication / culture / consumption in the contemporary world. It is also a perspective in full discussion. Because the thematic youth, highlighted in countless researches, studies, countless articles, essays and books that are increasingly proliferating, given their increasing relevance, has been approached from the perspective of several fields of knowledge, generating multiple possibilities of perception and theorizing. Thus, we are agreeing with a line of researchers, among them Canevacci, who walk through the terrain of multiple, plural, involving socio-cultural-economic-geographical aspects that speak not of a young person but of young people; not of a youth but of youth. At the limit of this work, we remain here in this justification to dedicate ourselves specifically to the concept of eXtreme and because it is a key element in the discussions that we are proposing in our ongoing research about youth, culture in postmodernity and the challenges to education.

KEYWORDS: Youth; postmodernity; education.

RESUMEN

El eje de atención de este artículo es el concepto de eXtremo, de Massimo Canevacci autor, cuyas ideas innovadoras, y por qué no decir radicales, han traído buenos aportes para investigaciones sobre las juventudes, en el interfaz comunicación/cultura/consumo en la contemporaneidad. Se trata también de una perspectiva en plena discusión. Porque la temática juventud, destacada en innumerables pesquisas, estudios, en incontables artículos, ensayos y libros que cada vez se proliferan más, dada su creciente relevancia, viene siendo abordada bajo la perspectiva de varios campos del saber, generando múltiples posibilidades de percepción y teorización. Así, estamos concordando con una línea de investigadores, entre ellos Canevacci, que caminan por el terreno del múltiple, del plural, involucrando aspectos socioculturales-económicos-geográficos que hablan no de un joven, pero de jóvenes; no de una juventud, pero de juventudes.



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 5, Agosto. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n5p168>

En el límite de este trabajo, quedamos por aquí en esta justificativa para nos dedicar específicamente al concepto de eXtremo y porque él se muestra elemento-clave en las discusiones que estamos proponiendo en nuestras investigaciones en andamio sobre las juventudes, la cultura en la postmodernidad y los desafíos a la educación.

PALABRAS CLAVE: Juventudes; postmodernidad; educación.

Recibido em: 19.03.2019. Aceito em: 12.06.2019. Publicado em: 01.08.2019.

Bases do pensamento

É imperativo que se conheça de onde vem o discurso para se ter a dimensão de sua tessitura em termos contextuais e conceituais. Desta forma, uma aproximação com Massimo Canevacci torna-se necessária para nossa tarefa. O autor italiano se graduou em filosofia, em Roma, tendo como estudo de base a escola de Frankfurt, focando em um de seus mais importantes representantes: Theodor Adorno. Viveu e participou de toda a efervescência dos movimentos sociais do fim dos anos 60, especialmente o da Contracultura, na Europa. A partir de um convite da Universidade de Roma para organizar um seminário sobre culturas juvenis na disciplina de Antropologia Cultural passou a desenvolver estudos na área, fez um concurso e se tornou Antropólogo. Em 1973, tornou-se doutor em Letras e Filosofia na Universidade de Roma "La Sapienza".

Pela repercussão no Brasil do seu livro *A dialética da família* (originalmente escrito em 1974, mas com primeira edição brasileira em 1981) foi convidado a vir pela primeira vez a São Paulo, em 1984, em pleno movimento das Diretas Já! Foi neste cenário que ele iniciou uma pesquisa que resultaria no livro *A cidade polifônica* (1993). No início dos anos 90, como professor da faculdade de Sociologia, em Roma, começou a participar de eventos culturais alternativos, espaços de música techno, raves ilegais, a convite dos seus alunos. Este universo das culturas juvenis metropolitanas foi se tornando seu material de pesquisa, base para o livro *Culturas eXtremas* (2005) e para outros estudos que se seguiram.

Pesquisador/etnógrafo de comunicação visual, arte, cultura digital, Canevacci dialoga com os frankfurtianos, especialmente, Walter Benjamin e Adorno, bem como com autores contemporâneos - Bateson, G; Appadurai, A.; Haraway, D.; Bauman, Z; Maffesoli, M; Baudrillard, entre outros. Como os

pensadores da Teoria Crítica da Sociedade³ propõe constituir um método alternativo às interpretações sociológicas, estéticas, filosóficas, antropológicas. Mas com uma certa radicalidade instauradora busca pensar uma nova teoria crítica, baseada no viver pós-moderno e em uma releitura que vem fazendo da obra de Theodor Adorno. As bases do pensamento do filósofo e antropólogo italiano são marcadas, assim, pela ideia de emancipação do homem, pela crítica às estruturas epistemológicas contemporâneas, tal como para os autores marxistas da escola de Frankfurt. No entanto, para ele, é preciso superar o método dualista, a dialética hegeliano-marxista⁴ para compreender os novos processos comunicacionais, artísticos-digitais das produções juvenis da metrópole.

Como define em seu projeto de pesquisa junto ao IEA/USP⁵, conceitos como ubiquidade, simultaneidade, multindivíduo, auto-representação são mais adequados no pensamento contemporâneo porque exprimem tensões além do dualismo. Ele explica que a ubiquidade expressa-se na substituição de um pensamento histórico politicamente definido, único para dar lugar a um

³ A teoria crítica nasce na escola de Frankfurt (Alemanha, nos anos 20) com um grupo de intelectuais, entre os quais se destacam os filósofos T. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e W. Benjamin. Participavam de um instituto de pesquisa sociológica que adotava as teses da filosofia marxista. A base da teoria era uma concepção teórica global da sociedade, com influência do pensamento de Marx e Freud. Aliava-se o método marxista de interpretação da história a elementos da psicanálise para uma avaliação da construção científica e do papel ideológico do sistema capitalista, com críticas severas às pesquisas administrativas americanas. Ao se contraporem à ideia de cultura de massa, cunharam o termo Indústria Cultural. (Assoun, P.L, 1989).

⁴ Deve-se levar em conta que o pensador da escola crítica, referência teórica de Canevacci, T. Adorno, embora tivesse um alinhamento de pensamento crítico com os demais frankfurtianos, propôs uma reflexão um pouco divergente em sua obra *Dialética Negativa* (1966) ao defender a desconstrução da concepção de "dialética". De certa forma ele bateu de frente com a tradição histórico-filosófica.

⁵ O antropólogo está desenvolvendo uma pesquisa junto ao Instituto de Estudos Avançados da USP que tem a interseção entre quatro grandes quadros conceituais: a auto-representação; a ubiquidade; o fetichismo visual e a teoria crítica e experimental.

“policentrismo flexível”. Estes são outros conceitos, com os quais iremos trabalhar em nossa pesquisa.

Canevacci, então, “fala” de um lugar (a Europa)⁶, de uma matriz crítica marxista que vai sendo ao mesmo tempo contrastada, redimensionada, ampliada para, em suas palavras, dar um salto paradigmático. “Na atual fase pós-industrial, as leituras dos séculos XIX e XX, baseadas na centralidade estrutural de estratificação social e processos produtivos são insuficientes”, argumenta Canevacci (online, 2013).

Mas é preciso compreender seu principal foco de estudos: a cultura digital, midiática, a metrópole comunicacional, a cultura juvenil – não em termos antropológicos, mas como estilo de vida – para entender o sentido desse “salto”. Este revela, por exemplo, a substituição de uma visão sociológica clássica dos meios de massa, que dividia dicotomicamente os sujeitos sociais em quem produzia e quem consumia. Agora, conforme o autor (online, 2013), é possível falar de um post-media, que anuncia a morte dos mass media⁷ porque “o referente não é mais o conceito sociológico de massa, mas sim o conceito comunicacional de multívíduo”.

Em sua defesa de uma dissidência de paradigmas retoma também Nietzsche (Genealogia da Moral, 1968) e Deleuze (Nietzsche e a filosofia, 1992; Divenire molteplice, 1995 e Nomadologia..., 1996) e elege a diferença como paradigma pós-moderno, pós-colonial, opondo-se à contradição dialética (conceito sólido). Segundo Canevacci (2005, p. 186), “[...] a contradição é historicista, evolucionista [...] é intrinsecamente dualista [...]. A diferença é nômade, cimarrom, anômica, diaspórica”. É pela lógica das diferenças (conceito líquido)

⁶ O autor também tem estudos desenvolvidos no Brasil, mas seu referencial é a Europa, sua base teórica é principalmente de autores europeus.

⁷ O termo mass media é formado pela palavra latina media (meio), plural de medium (meios) e pela palavra inglesa mass (massa). Indica os meios de comunicação de massa.

que o autor acredita ser possível vislumbrar, jamais classificar ou rotular, os fragmentos líquidos das culturas juvenis, da cultura digital, das artes visuais, dos sujeitos na metrópole contemporânea.

Imbricado por esse novo paradigma, o antropólogo italiano desenvolve um pensamento inovador e polêmico, cunhando conceitos líquidos – frutos também de suas conexões com outros pós-modernos como Bauman e Lipovetsky – que vão falar de uma crise da dialética, de uma indústria cultural reconfigurada em tempos de comunicação digital, de uma individualidade ubíqua, de um outro referencial espaço-temporal. Daí uma extensa produção de livros, artigos, ensaios, palestras que problematiza a estrutura familiar, as culturas juvenis, o consumo midiático, a metrópole comunicacional, a cultura digital.

O Conceito eXtremo

Situado o lugar de fala de Canevacci, passamos ao segundo passo de nosso artigo: apresentar e discutir o conceito eXtremo. A primeira impressão que precisa ser desfeita é a associação rápida que se pode fazer do termo com exagerado, inadequado. “X” maiúsculo tem a ver com “uma espécie de ideograma que, em virtude da fonética inglesa (X = ecs), acabou por incorporar o timbre sonoro do irregular.” (CANAVACCI, 2005, p. 44). Um irregular onde não cabe a síntese, a objetividade, a identidade, a generalidade.

Na obra **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles** (DP&A, 2005) o antropólogo apresenta sua pesquisa realizada junto a culturas juvenis em Roma, por meio da qual apresenta o conceito eXtremo. Ele criou uma sinergia comunicacional direta com os sujeitos pesquisados, frequentando as interzonas⁸ urbanas, os movimentos culturais alternativos. O mergulho neste

⁸ Pode-se associar essas interzonas a espaços alternativos, formas livres de pensar, viver e fazer cultura de grupos juvenis da capital italiana.

universo, desarmado de métodos de investigação tradicionais, resultou, numa pesquisa etnográfica baseada numa “espontaneidade metodológica polifônica”, como ele mesmo explicita (2005, p. 8). Ou seja, em oposição à tradição socioantropológica (com suas tipologias, rótulos e enquadramentos), buscou multinarrativas e a descentralização do método, com o propósito de assumir um sujeito plural, diferenciado e móvel. O objetivo, conforme Canevacci (2005, p.8), foi “aplicar uma metodologia das diferenças⁹, a fim de acentuar os traços de desordenação das produções juvenis intermináveis”. Essa metodologia não busca agrupar, sistematizar, classificar ou categorizar falas, modos de agir, falar. Ao contrário, procura extrair as diferenças, ressaltar as múltiplas experiências, sem rótulos. **Culturas eXtremas** descreve o contexto panorâmico por que passam os jovens na metrópole e suas relações com a mídia e o consumo. A partir dessa radiografia, utilizando-se do conceito eXtremo, apresenta o que designou de jovens intermináveis.

Então de onde vêm os referenciais que permitiram ao autor construir suas ideias “eXtremas”? Ele faz um percurso sociológico/histórico das interzonas das culturas juvenis representadas por letras do alfabeto (utilizadas por sociólogos para definir gerações). Estas letras simbolizam momentos vividos pelas culturas juvenis, expressos das mais diferentes formas e especialmente utilizados pela mídia. Ele assume as duas letras, o “k” e o “x” como indicadores para o “trânsito multinarrativo pelas interzonas das culturas juvenis”. (Ibid, p.41).

A primeira letra – o “k” – refere-se a contraculturas juvenis que se desenvolveram nos anos 70/80. De acordo com o autor, num primeiro

⁹ O autor propõe a diferença como novo elemento conceitual em contraposição à contradição dialética. Segundo ele, a genealogia da diferença já está madura, já vem se constituindo como paradigma descentralizado de outros pensadores (Todorov, Bateson, Deleuze). Deve-se considerar também os olhares da literatura crítica pós-colonialista que enriqueceram o tema da diferença cultural (cf. Bhabha, 1997; Said, 1991, Spivak, 1988). (CANEVACCI, 2005, p.185).

momento, o “k” tinha força semântica baseada em domínio e poder. Por ela enfatizava-se uma espécie de importação de valores, de algo alheio que vem de fora, com grande predominância da influência norte-americana. “O “k” caracterizava o sujeito como portador de domínio (“Kennedy”, “Kissinger”). A partir dos anos 80 a utilização simbólica foi se modificando, perdendo o significado de autoritário para algo estranho ao poder da sociedade, alheio a normas de partidos, mas com capacidade de questionar, de conflitar. Houve, assim, como propõe o antropólogo, um deslizamento de significados. O “k” dessimbolizou-se. Perdeu o efeito de autoritário, mas manteve o sentido de poder, ainda que de consumo (cK, de Calvin Klein). Segundo Canevacci (2005, p.42), [...] “o K maiúsculo é um ideograma supradeterminado por um forte poder comunicativo”.

A segunda letra – o “x” – nasce sob outros parâmetros. Não se inscreve aos panoramas político-comunicacionais do movimento anterior, emerge com força de um “significado supradeterminado” (Ibid, p.43) nos movimentos punk, uma simbologia para definir-se contra a geração dos pais, com carga semântica do que é contra, do que é proibido. O autor (2005, p.43) destaca que ao navegar na internet, percebe-se a letra “x” como código de “possíveis infrações excessivas”, nas mais variadas manifestações: do mundo pornô, ao artístico. Cabe aqui, uma explicação que Canevacci faz para mostrar de onde parte seu ponto de vista. O “x” utilizado no livro X-Generation¹⁰ (esse x significava uma incógnita, uma geração desconhecida) ele o vê como “ex”, como um prefixo

¹⁰ Em português, Geração X: contos para uma cultura acelerada, foi um romance escrito pelo canadense Douglas Coupland, em 1991, um Best-seller que popularizou o termo geração X, que representava a geração nascida entre os anos 60 e até início dos 80. Significou num primeiro momento grupo de jovens, aparentemente sem identidade, a enfrentar um futuro incerto, mal definido (pós-segunda guerra). Posteriormente passou a representar conjuntos específicos de subculturas, especialmente da juventude britânica, incluindo o movimento punk.

latino que expressa o que não existe mais (ex-marido, ex-chefe). Ou seja, para ele, seria ex-geração: não há mais geração, as faixas etárias desapareceram¹¹. Aos poucos, novos significados foram se incorporando como: algo irregular, fora de medida, que não se contém.

Assim, Canevacci explica que o trânsito do “k” ao “x” sintetiza como a oposição juvenil deslocou do conflito político-social (anos 68/77/89, relativos ao indicador “k”) para os conflitos não-políticos, mas comunicacionais, próprios das metrópoles (a partir dos anos 90, relativos ao indicador “x”). Mas esse “x” também ganhou outra dimensão: antes caracterizado pelo irregular, pelo incontível, pelo extra, tanto em termos de estar além como de anomalia; depois assume uma perspectiva de ultrapassar até esses códigos, passa a ser inominável e interminável. Algo que não se pode compreender como código fechado, conceito ou sentido definido. E é aí que se passa do extremo ao eXtremo, com “X” maiúsculo.

Então explicitar o eXtremo significa entrar no campo do incompreensível. Passar do extremo ao eXtremo é transitar pelas novas linguagens da comunicação juvenil metropolitana. Neste sentido, é importante compreender que os olhares do antropólogo se voltam à metrópole contemporânea, caracterizada pelas produções pós-industriais, por culturas de consumo, por comunicações imateriais. O que estamos afirmando é que o conceito foi pensado dentro de um limite. Embora tenha características universais, no sentido de poder se associar a culturas juvenis em qualquer lugar (metrópole), é

¹¹ Importante destacar que os estudos recentes sobre jovem e juventude têm em comum a perspectiva de juventude não como algo pré-definido (idade ou fase em que se está no ciclo de vida) ou como um período específico do desenvolvimento, mas como construída histórica- social e culturalmente. (Barbosa, 2012). Canevacci defende o conceito de juventude dilatada, jovens “eXterminados”, no sentido que a juventude não termina. Para ele, não se pode configurar a juventude como “passagem”, muito menos como classificação etária.

específico de uma cultura interminável, eXtrema, que exemplificaremos mais adiante.

Os sentidos desse X maiúsculo são muitos e diversos, conforme descreve Canevacci (2005, p.43-44).

[...] o X se associa ao extraterrestre, ao outro radical ou paranormal. Navegando via internet – onde o léxico utilizado geralmente é do inglês -, o X se conjuga ao excesso, ao irregular, ao alheio, ao pornô. X como 'versus'. XXX como luzes vermelhas, XL como 'extra large', como 'X-file'. Mas, sobretudo, o grande X como signo do extasy, a nova substância empatógena que irrompe nas culturas juvenis, misturando-se com a música techno e as raves. Além dessa carga semântica de 'contra' e de 'proibido', o X assume outros concentrados de sentido: escrevendo x-s, por exemplo, um público avisado compreende que se encontra diante de algo excessivo (ex-cess). [...] X, que incorpora atravessamentos corporais, espaciais, lingüísticos caracterizados pelo irregular, pelo incontível, pelo imaterial, pelo extra como além e como anomalia. O extremo como eXtremo procura ultrapassar esses códigos e esses sentidos. [...] X é agora o interminável e, por isso, é eXtremo. E o eXtremo não se pode 'compreender' ... não se movimenta na lógica férrea da ratio, não pode mais ser encerrado nos lugares fechados do conceito, da escritura ou da pesquisa pura. Tentar atravessar o eXtremo irá significar, aceitar o irregular, entrar no incontível, explicar o incompreensível.

O eXtremo, portanto, é algo sem fim, interminável porque é múltiplo, reconfigurável. E a subjetividade eXtrema, conforme aponta o antropólogo (2005), não é mais baseada sobre as raízes (conceito reacionário), a identidade, o agrupamento territorial, ela se desenha na multiplicidade. Segundo Canevacci (2013, on line).

[...] o indivíduo eXtremo é um multivíduo: mistura uma fluidez diaspórica e identitária. O in-dividuo perde a in e assume o multi. Nesse sentido, esta subjetividade multividual antecipa um processo mais amplo da comunicação digital em conexão com a metrópole material/imaterial.

O sujeito, assim, múltiplo move-se por uma pluralidade de grupos, não se prende a uma forma de viver e pensar, sorve a desterritorialidade urbana, navega da web aos movimentos culturais nas cidades. Neste aspecto, Canevacci contradiz o conceito de tribo de Maffesoli (2006). Se para Maffesoli (2006) as tribos são microgrupos, com interesses comuns, modos de vestir, gostos e desejos similares, numa conformidade de pensamento que implica diretamente numa desindividualização amarrada por uma espécie de comunidade emocional; para Canevacci, o sujeito não se desindividualiza para ganhar expressão coletiva, ele se multividualiza. O conceito de identidade é substituído por uma capacidade de transitar entre o Eu e o Outro, por uma ideia de polidentidade.

Na perspectiva de Canevacci, pode-se inferir que há tipos ou graus de eXtremo, já que ele destaca uma diferença/oposição entre o eXtremo estável, uma categoria que poderia ser comparada à tribo de Maffesoli e o eXtremo interminável (oposto do eXtremo estável e mais adequado para pensar hoje as conexões comunicação digital/metrópole/juventudes).

O eXtremo estável é uma prática desconexa que reproduz um modelo sedentário, estático, fortemente identitário (o ultra é uma fé: seguir o time fora da sede significa ficar bloqueado num espaço imóvel: o estádio, o trem, a curva, a camisa do time, os slogans). [...] Esse eXtremo estável e identitário – do qual o hooligan pode representar o estereótipo – é o oposto do eXtremo aqui entendido como multidentitário e desterritorializado. (CANEVACCI, 2005, p.49).

Então, o autor trabalha na dimensão de uma policultura, onde a identidade torna-se fluida. Daí ele defender a morte da subcultura e apostar em novas configurações nada consensuais e muito menos homogêneas. Embora ele não se refira especificamente a Maffesoli em sua crítica, deixa claro que essa forma de “unidade pela emoção” não deixa de ser uma amarra identitária.

Segundo o antropólogo (2005, p.49), “a camiseta do time é realmente uma prisão identitária ‘irreduzível’ à fluida comunicação metropolitana desterritorializada”. Este, na sua opinião, seria um bom exemplo de eXtremo estável, que poderíamos associar à ideia de tribo.

Cultura eXtrema

Diante do exposto sobre os princípios do “X”, do eXtremo, pode-se dizer que os tipos e graus de eXtremo condicionam a passagem do extremo ao eXtremo e do eXtremo estável ao eXtremo interminável para que se possa compreender as culturas juvenis da contemporaneidade.

A cultura eXtrema de Canevacci desenvolve-se nos entornos midiáticos e possibilita a formação de novos valores e inteligibilidades expressos nos seus modos de ser e estar na vida líquida (BAUMAN, 2007). Há uma procura de outras formas e de sentido de existência dos grupamentos juvenis frente às tecnologias digitais, mas, não mais como meros processos de homogeneização. Culturas eXtremas, “X-terminadas de formas móveis, inquietas, opositoras” (CANEVACCI, 2005, p.46).

Em sua linha argumentativa, o autor busca uma outra maneira de ver o indivíduo (as juventudes). Reconhece que há modelos diversos para pensar os jovens nas culturas pós-industriais, geralmente associando-os ao “comunitário” ou “tribal”, mas aposta num sujeito que atravessa identidades temporárias, flutuantes, híbridas, incorpora o conceito de multívíduo ou sujeito diaspórico. (Idem, 2013). E aqui retomamos o que dissemos sobre o limite metodológico do antropólogo. Porque assim como ele não fala de qualquer cidade, mas de metrópole, também não fala de todo e qualquer jovem, de toda e qualquer cultura. O foco do pensador é um mundo eXtremo, no sentido que poderíamos chamar no Brasil de alternativo, não-convencional, radical, mundo jovem do

techno, das tatuagens, das raves, dos centros de arte, música e cultura digital, dos grafiteiros, do funk etc.

A questão é: não é possível uma investida conceitual canevacciana para as juventudes de modo geral? Penso que não o interessa uma fixidez generalista que rotula, que classifica. No entanto, apesar do limite conceitual que ele mesmo deixa claro ao dizer que no Brasil, por exemplo, encontra mais a forma estável do eXtremo (como os da torcida de futebol) do que a forma interminável do eXtremo, acredito que a sua base conceitual (pluralismo, multindivíduo, fluidez, pluridentidade, ubiquidade entre outros) pode perfeitamente adequar-se a uma reflexão desse novo modo de ser e viver das juventudes, da cultura digital juvenil nas metrópoles, independente do seu grupamento sociocultural. Há muito de eXtremo a se descobrir nas juventudes no Brasil e muito a se investigar sobre as relações dessas juventudes na sociedade. Este é o desafio.

A construção do conceito

Uma conexão de Canevacci com um grupo experimental de teatro, durante um seminário, revelou o conceito de eXterminado, que foi, de acordo com ele (2013, online), importantíssimo para pensar as culturas eXtremas como eXterminadas, como algo que nunca acaba. "Se modificam, mudam e criam outros tipo de estilos, valores, música etc", mas não terminam. Daí o conceito de culturas eXtremas.

[...] são aquelas que, ao longo de sua autoprodução, se constroem de acordo com os módulos espaciais do interminável. As culturas eXtremas são intermináveis: eXterminadas no sentido de que conduzem a não ser terminadas, a sentir-se como intermináveis, a recusar qualquer termo à sua construção-difusão processual. Culturas intermináveis enquanto recusam sentar-se entre as paredes da síntese e da identidade,

que enquadram e tranquilizam. Normalizam e sedentizam (CANEVACCI, 2005, p.43-44).

Desta forma, o unitário, o totalizante, o homogêneo é duramente contestado como poder linguístico-político do singular na busca de subversões e distorções do que é plural, “dos múltiplos plurais polifônicos, heterogêneos e sincréticos que se podem extrair da comunicação metropolitana”. (Ibid, p.48). É a procura das formas eXtremas das diferenças. Nesse sentido, desafiam-se o pensamento e a lógica identitária para assumir a igualdade como diferença reconhecida¹². Significa dizer que ser igual não é ser idêntico, ao contrário é exatamente a liberdade da diferença, o pluralismo que legitimam a igualdade. Então, o paradigma da diferença de Canevacci, por meio do qual ele acredita poder “acentuar os traços de desordenação das produções juvenis intermináveis”(Ibid, p.8), não tem nada de estatística, de tipologias, de uniformizações porque, como resume o antropólogo (2005, p. 08), “não existe uma visão unitária e global das culturas juvenis que seja passível de resumir a um número, a um código ou a uma receita”.

Dentro desta perspectiva é que se constituem o eXtremo, os jovens eXtremos, a cultura eXtrema, o arcabouço teórico de Canevacci. Os jovens eXtremos, assim, interagem em espaços intersticiais¹³, por meio de linguagens líquidas, deslizantes, experiências midiáticas que são constitutivas dos acontecimentos atuais. Desta forma, produzem e consomem cultura. Há uma relação visceral: jovens, tecnologias e seu modo de viver, comunicar, estudar, se relacionar, se expressar, se ver, constituindo a cultura eXtrema.

¹² Nesta linha, o antropólogo busca referência em Nietzsche (1968), e Deleuze (1992,1995,1996) para, em oposição, à contradição, afirmar a pluralidade dos sentidos, o “gozo da diferença”. Segundo ele, Deleuze foi um dos pensadores que caracterizaram o século XX como experimentação extrafilosófica da diferença.

¹³ Espaços intersticiais são os que estão entre o espaço conhecido e o desconhecido, neles as coisas são flexíveis, flutuantes, mutantes. As raves são exemplo desses espaços.

Essas juventudes que movem a cultura eXtrema são simultaneamente centro das atenções da mídia e agentes de novas negociações culturais. Clubbers, headbangers, heavy metal, graphic novels¹⁴, um mundo absolutamente plural, fluido, que não cabe em tipologias. A presentividade e suas marcas estão derretendo os formatos e os encaixes sólidos da modernidade. Celular, flashmobs, smart mobs, palmtops, blogs, mensagens multimídia (MMS), música nos iPods, cultura digital que (des)cola, desterritorializa, desindividualiza, mas possibilita mobilidade através de conexões wi-fi e bluetooth.

Esse novo ambiente se caracteriza, conforme Santaella (2007), pelas linguagens líquidas na era da mobilidade através da interface entre o espaço social e o espaço virtual, ou o chamado espaço híbrido (físico e virtual), espaços intersticiais ou ainda, para Lemos (2007), territórios informacionais. Dispositivos que inauguram através da acessibilidade e usabilidade midiática novos formatos mentais e forjam essa nova cultura eXtrema.

Download, upgrade, update, upload fazem parte da experiência midiática dessas juventudes. Para Haraway (2000), essa cultura high-tech contesta, de forma intrigante, os dualismos que atravessaram as tradições ocidentais. Esta reflexão vai ao encontro da perspectiva dos conceitos líquidos¹⁵ de Canevacci (2005) que, como já destacado, recusa "[...] os dualismos opostos, as dialéticas sintéticas, os realismos estatísticos, os monologismos de perspectiva,

¹⁴ Os termos são em inglês, pois refletem a grande influência americana e inglesa no mundo da cultura brasileira. Todas as expressões e palavras que designam equipamentos/ suportes comunicacionais também são em inglês por este ser o idioma do mundo informático-digital.

¹⁵ Os conceitos líquidos rompem com o princípio de identidade. Em oposição aos conceitos sólidos que produzem estabilidade cognitiva, definições, estatísticas, os conceitos líquidos levam em conta as variáveis contextuais, a multidentidade.

as utopias dos signos, os eternos retornos. Eles atravessam os canais invisíveis e fluidificados da comunicação metropolitana”. (Ibid, p. 159).

Caminhando para as considerações

Diante da discussão apresentada, destaca-se a importância do conceito eXtremo para pensar as juventudes. As questões levantadas e a explicitação do conceito revelam elementos que compõem, atravessam, contextualizam o pensamento do estudioso italiano, que nos levam a refletir sobre a complexidade da cultura juvenil, a composição das juventudes hoje. Um elemento indiscutível nesta tarefa, a nosso ver, é, como pontuado neste texto, o rompimento com a unidade, com a síntese porque a vivência juvenil, ambientada nessa metrópole comunicacional, nesse mundo digital, fluidifica-se, ganha dimensões do que é pluri-multi-poli-trans.

Então, se queremos entender – e talvez essa não seja uma tarefa muito fácil – as juventudes contemporâneas em suas mais diversas relações, precisamos sair da zona de conforto da fixidez do pensamento de tradição iluminista, da racionalidade. Por isso, os conceitos de Canevacci são tão importantes para nós. A ideia de eXtremo, dessa juventude mutóide, eXtrema, que substitui as subculturas juvenis, é coerente para visualizar esse cenário de juventudes em que não há especificamente comprometimentos ideológicos, causas políticas, mas uma forte imponência comunicacional/tecnológica/digital/consumista inaugurando tendências, modos de ser, de pensar, de consumir de forma múltipla, plural, descentrada, desterritorializada e multidentitária. Isso não quer dizer que sejam apáticos, submissos. Apenas que a forma mudou. São outros os modos de se posicionar. Basta olharmos com atenção os últimos acontecimentos reivindicatórios ocorridos recentemente no Brasil.

Portanto, se nosso propósito é investigar as juventudes, que a rigor são definidas histórica e culturalmente, sob esse ponto de vista do fluido, do líquido, do desterritorializado, da reconfiguração espaço-tempo, buscando pensar os desafios da educação diante dessa cultura “eXtranha”¹⁶, os elementos apresentados neste texto certamente comporão uma rede conceitual importante. Porque nos interessa uma apreensão desse universo eXtremo, captado em sua diferença, em ambientes outros que não as megalópoles de Roma ou São Paulo e em confronto com a educação (campo de saber), como zona permeável e permeante das expressões/vivências sociais e culturais.

Por meio dessa perspectiva de cultura eXtrema (de tudo muito rápido, midiático, tecnologicado, fluido, multidentitário, ubíquo, efêmero, transitório), que se manifesta histórica, cultural, política e contextualmente, pode-se discutir/problematizar esses sujeitos(entidades), essas juventudes e suas práticas culturais eXtremas. Para nós, que estamos desenvolvendo pesquisas na interface comunicação/cultura/educação, o direcionamento desta proposição revela uma problematização sobre a (in)visibilidade dessas juventudes para a educação e sobre a própria educação (re)configurada nas bases dessa interrelação com esses indivíduos ou “entidades”, para usar a conceituação de Canevacci.

Nesse sentido, é que propusemos neste texto explicitar a ideia de ampliar o limite metodológico do autor, que circunscreve a cultura eXtrema ao que se pode configurar como manifestações alternativas, para eXtrapolar¹⁷ os elementos conceituais desse eXtremo. Em nossa perspectiva, o que eXtravasa, tanto no sentido de sair dos canais naturais como de transbordar abundantemente (cf. Michaelis, online), são essas novas configurações

¹⁶ O termo eXtranhas, faz alusão ao conceito de eXtremo utilizado por Canevacci (2005).

¹⁷ Usaremos o X maiúsculo no sentido eXtremo de Canevacci.

comunicacionais/digitais que modificam os modos de ser e pensar, de se relacionar e se expressar, de se ver e de ver o outro. Essa multidão de “eus” (Canevacci, 2005) que parece habitar cada um (os jovens) é o nosso foco como objeto/sujeito eXtremo. Permitimo-nos, assim, ir além do universo eXtremo proposto por Canevacci para fazer uma outra e própria incursão eXtrema.

Referências

ASSOUN, P.L. **A escola de Frankfurt**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989. Cortina, A., 1985.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Vamos Contar. Pirâmide Etária**. Disponível em <<http://vamoscontar.ibge.gov.br/atividades/ensino-fundamental-6-ao-9/49-piramide-etaria>>. Acesso em 10 de maio de 2013.

ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.) **Retratos da juventude Brasileira**. Análises de uma Pesquisa Nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BARBOSA, Livia (Org.). **Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução de Olga Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Ubiquidade etnográfica**. [on line]. Disponível em <http://tranzmidias.com.br/blog/blog/2013/01/28/cyber_universidade-tranzmidias-conexao-massimo-canevatti/>. Acesso em 20 de maio de 2013.

ENTREVISTA COM O PENSADOR MASSIMO CANEVACCI. Overblog/Overmundo. Disponível em <www.overmundo.com.br/entrevista-com-pensador-massimo-canevacci>. Acesso em 17 de maio de 2013.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; SOUSA, Sônia M. Gomes (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia: Editora UFG: Cãnone Editoria, 2009.

HARAWAY, Donna J. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

LEMOS, André. *Cibercultura e mobilidade: a era da conexão*. [online]. In: **Razón y Palabra**. Revista Eletrônica Nº 41, outubro-novembro, 2004. Disponível em <www.razonypalabra.org.mx>. Acesso em maio de 2007.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4 ED. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6, 1997.

MICHAELIS. Dicionário de português. [online]. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=extravasar>>. Acesso em 23 de maio de 2013.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade**. Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo, SP: Paulus, 2007.

ZACARIOTTI, M. E. C.; SOUSA, J. L. DOS S. Tecnologias digitais de informação e comunicação como recurso de mediação pedagógica. **Revista Observatório**, v. 5, n. 4, p. 613-633, 1 jul. 2019.

ZACARIOTTI, M.; PINHO, M. J. DE. Estágio supervisionado EAD: mesmas diretrizes, novas conexões. **Revista Observatório**, v. 5, n. 3, p. 118-144, 1 maio 2019.